

# S E R M ã O

QUE NA SOLEMNE ACÇÃO DE GRAÇAS PELO  
ACABAMENTO

DA

## CONSTITUIÇÃO

RENDIDA A DEOS OMNIPOTENTE NA FREGUEZIA DE S. JOÃO  
DA PRAÇA, PELOS PORTUGUEZES CONSTITUCIONAES DA  
MESMA PAROQUIA.

PREGOU

*FR. MANOEL DA CONCEIÇÃO ARGEA*

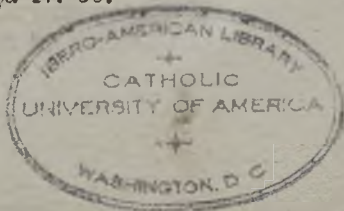
EM 10 DE NOVEMBRO DE 1822.



LISBOA: 1822.

*Rua Direita da Esperança N. 50.*

2 7.600



Pamphlet  
19th Cent  
1372

## A QUEM LER.

A rogos dos verdadeiros Constitucionaes, que se lembrárão nesta Capital, primeiro que todos, de render as Graças a Deos Omnipotente, por hum beneficio tão grande, qual he a feliz, e pacifica conclusão de nossa Constituição Política, eu entrego nas suas mãos a Oração, que recitei na Solemnidade com que as rendêrão, tal qual a deu a primeira penna. Espero do Publico intelligente, que attenda á rectidão das minhas intenções, e desculpe defeitos, que huma ulterior correcção poderia emendar.

---

*Beatus venter , qui te portavit.*

**T**UDO quanto he perfeito vem de Deos, e ainda que sejam as Creaturas os canaes por onde estas obras de Deos a nós se encaminhem, cumpre, que nos remontemos á sua origem, e que não privemos a seu Author do justo louvor, que por ellas lhe he devido. Não sahio das suas mãos corrompida a natureza: qualquer vicio, que se lhe encontrasse seria hum dezar para seu Author: e a melhor de todas as suas obras, que a vasta collecção dos seres corpóreos nos appresenta, o homem teve em partilha a perfeição, que lhe convinha em razão dos altos destinos, que lhe erão decretados. Reconhecer as perfeições de hum Deos pelas perfeições, que se encontravão nas Creaturas; convencer-se da sua bondade pelos bens sem conto, que para seu uso semeára em toda a natureza; e ainda mais pela sua belleza moral, e pelos soccorros, que superior illustração lhe communicava: ser grato a este Deos bem-feitor, abraçar-se nos desejos de ser junto a elle, engrandece-lo, e louva-lo: eis os deveres do homem para com Deos; deveres que ao primeiro dos homens fôrão impostos, e nelle a todos os descendentes seus. Viver com os homens em paz, ser com elles justo, respeitar seus direitos, e preencher todos os officios proprios para manter a harmonia, e tornar perfeita a Sociedade, são para o ho-

mem deveres de segunda ordem ; mas deveres que são deduzidos da sua natureza ; deveres que lhe foram estabelecidos por seu Author, e que a sua mesma razão lhe ensina. Foi esta a primeira Constituição do homem , que lhe assegurava na terra huma existencia commoda, e que lhe promettia álem della huma duração venturosa. Mas infelizmente o grande Legislador , que na sua infinita sabedoria a tracava , não teve o doce prazer de a ver guardada : fôrão pelo primeiro homem quebrantados sem pejo os deveres sagrados, que ella lhe impunha para com Deos , e o primeiro filho do primeiro homem foi o primeiro tambem , que aos pés calcou os deveres sociaes , que lhe incumbia cumprir , e respeitar. Huns apóz outros ; os annos , eos seculos vagarosos forão marchando , e erão mais , que os momentos da sua duração as infracções , que a degenerada raça dos homens fazia no primeiro Pacto ; Deos era quasi desconhecido , a moral era corrompida , e huma dissolução geral reinava em toda a terra. Alem de dois mil e quinhentos annos erão passados nesta desordem funesta , e apraz então ao grande Legislador reformar o primitivo Pacto , daraos homens huma nova Constituição , que sendo nas suas bases a mesma , era todavia mais desenvolvida , qual dos homens pedião as circumstancias. Mas que pequenas , e escassas forão as vantagens da nova Legislação ! Ella ficou circumscripta , e estreitada nos limites de hum pequeno Povo : ahi mesmo o Nome Santo do Senhor nem sempre encontrou adoradores sincéros ; nem era , qual devia esperar-se , o desenvolvimento das virtudes sociaes. Mil quatrocentos e noventa annos decorrem , e allim o Grande Legislador apparece elle mesmo entre os homens para formar com elles hum novo Pacto , e para dar o ultimo pulimento á primeva Constituição. Ah ?



e que vasto saber se encontra nos seus discursos ! Que profundo conhecimento do coração humano ! Que penetrante discernimento ! Que insinuante, e atractiva eloquencia ! E que Santidade de doutrina ! E que discripção, e dogura de preceitos ! Ah ! ninguém pode olha-lo sem respeito, ninguém pode ouvi-lo sem assombro, e o silencioso extasi, que as suas expressões inspirão, he apenas interrompido por hum grito de transporte, que para engrandece-lo diz, e proclama feliz, e bemaventurado o ventre, em que fôra concebido = *Beatus venter, qui te portavit.* = Ah ! e que differente se tornou a face moral do mundo depois de promulgada a nova lei ! Deos foi conhecido em toda a terra ; os deveres do homem para com elle forão mais religiosamente cumpridos ; e vicejarão por toda a parte com mais verdor as virtudes sociaes.

Senhores, quando repasso na memoria estas idéas, quando espraio a vista por este magestoso quadro da historia do homem, quando vejo, e apprendo ali as suas differentes situações religiosas e politicas, quanta analogia descubro entre este objecto, e o grande, e pasmoso acontecimento que hoje vos congrega neste lugar Santo, para mandar sincéros Hymnos de agradecimento ao vosso Deos certos, e persuadidos de que elle he a fonte, donde mana toda a felicidade que desfructão as suas creaturas ! Portugal, ó grande, e respeitavel Nação, que distincto he hoje o teu lugar entre as Nações aos olhos do cordato pensador ? De quanta gloria teus filhos se hão cuberto ! E quanto se tem feito credores ás graças de hum Deos, e dignos da consideração dos homens ! Senhores, o nosso nascimento, como Nação, foi grande ; mas a nossa Regeneração he ainda mais estrepitosa. Portugal nasceo livre : a sua primitiva Constituição he

a grande Carta da sua liberdade: mas se nem a Constituição por hum Deos dada, pôde ser em vigor sempre, como na Constituição pelos homens feita, deveria esperar-se perpetuidade de observancia, e força? Pouco a pouco o mimoso arbusto da liberdade se difinhou; até que falto de cultura morreo: pouco a pouco Portugal, que fora a principio, e ainda por longos Seculos da sua duração respeitavel, e grãdo pelas virtudes religiosas, e sociaes de seus filhos, vio brotarem vicios terriveis no campo, onde só dantes minosas virtudes vicejavão. E se o antigo Pacto se não reforma; se a primeva Constituição se não refunde; se não se procura pôr hum dique á irreligião, e ao fanatismo; se não se cuida de marcar os direitos do homem, e prescrever-lhe os seus deveres na Sociedade, Portugal hia sepultar-se, para não surgir mais, no pelago horrendo, onde tantas outras Nações tem perdido a existencia, e o nome.

Porém\_graças, ó Deos meu, sincéras graças vos sejam dadas; Portugal he vosso; e vós quereis a sua conservação: vós vigorizastes os animos dos poucos, queprehendêrão erigi-lo em Reino, e quem não dirá que fostes vós, que o grande projecto inspirastes de regenera-lo, quando hia sumir-se no abysmo? Quem receará dizer que foi dadiva da vossa mão a valentia precisa para traze-lo á luz? Que vós o dirigistes? Que vós o secundastes, e o levastes por caminhos pacificos ao grande estado de perfeição, em que acaba de mostrar-se ao mundo? Pois que decretando a perpetuidade do vosso culto entre os Portuguezes, por onde a estrada se lhes abre para a eterna ventura, tambem venturas lhes afiança na terra pela sabedoria, com que do homem os direitos se sustentão, e se lhe marcão os deveres, que elle tem de cumprir para com os seus Concidadãos.

Portuguezes, a obra puramente dos homens differo muito da obra, em que Deos influe; e a lusa Constituição bem que seja o fructo dos assiduos trabalhos dos zelosos Representantes da Nação, todavia conhece-se que trabalhara ali a Mão de Deos pelo bem que se estabelecem ali os deveres do homem para com Deos, e os deveres do homem para com os outros homens, que Deos creára para viverem em Sociedade. Deos na criação dos homens se propozera primeiro a sua gloria pelos louveres, que devião os homens tributar-lhe: segundo a ventura eterna dos homens conseguida pelo desempenho dos seus deveres para com elle, e pelo exercicio dos deveres para com os homens, com os quaes vivendo em Sociedade perfeita se farão tambem na terra venturosos. Todos estes grandes objectos olha, mede, e abrange a lusa Constituição: e ora, que nos vemos em posse deste precioso thesouro, são devidas por esta ventura as nossas graças a Deos, porque ella estreita os nossos laços com Deos, decretando para Religião dos Portuguezes, aquella que hum Deos feito homem ensinára aos homens, e prepara aos Portuguezes, álem da eterna ventura, huma idade de ouro, pela manutenção dos seus direitos, e pelo exercicio dos deveres sociaes, que de mãos dadas com a Religião tão providente, e cuidadosa nos descreve. Eis a materia: Senhor vós interessaes nella, e vós me ajudareis no seu desenvolvimento. Constitucional ajuntamento, que fizestes justiça aos meus sentimentos quando vos lembastes de escolher-me para ser o orgão dos vossos, eu sei, que me sereis attentos. Vós todos, que movidos pelos impulsos de hum coração verdadeiramente Constitucional, vindes gostosos misturarvos com os benemeritos Cidadãos, com os Portuguezes religiosos, que louvão o seu Deos, por dar-

lhes huma Constituição tão sabia, que tantas venturas lhes afiança, não dareis hum ouvido indifferente ás expressões do Orador Christão, mas Portuguez Constitucional, que de vós espera hum benigno acolhimento: e

## P R I N C I P I O.

Entre as creaturas todas, que a hum Deos Omnipotente appróve extrahir do nada, forão os anjos, e os homens a quem repartio perfeições com mais larga mão, e a quem fez sobremaneira distinctas no grande, e vastissimo theatro da creação. E todavia dos anjos huma grande parte deu na sua criminosa rebellião hum sobejo testemunho da sua pequenez, e fraqueza: e os homens ainda que tantos gabos se hajão dado ás suas qualidades brilhantes com tudo não ha desvario, a que se não tenham dado, não ha paradoxo, que não tenham proferido, não ha erro, que não tenham abraçado, e ainda quando os sagrados, e venerandos oraculos da fé nos não dissessem que os homens são vergonteas brotadas de hum tronco viciado, e corrompido, huma ligeira confrontação do homem com Deos seria bastante para convencer-nos, de que póde mão inimiga transformar a obra de hum Deos, e que os homens não só estão mui longe da perfeição com que forão creados; mas tambom, que deixados a si não podem preencher os grandes fins, que seu Omnipotente Author se proposera na sua creação. A razão deve confundir-se, e envergonhar-se da sua insufficiencia quando na analyse da historia do homem a fizerem entrar no conhecimento de seus monstruosos delirios. Ha hum Deos, toda a natureza o diz, e os homens surdos a este grito estrondoso tem tido o arrojo, e o descaramento de negar esta verdade que



que toda a natureza lhe apregôa. Ha hum só Deos, e os homens devem olha-lo como objecto unico das suas adorações, e dos seus cultos, e tempo houve, em que as divindades erão quasi tantas, como os seus adoradores. Ha hum só Deos, e huina só deve ser a maneira de adora-lo, e as seitas religiosas são tantas, que fôra enfadonho enumera-las. Razão, que pequenas são as tuas forças! que mesquinhas as tuas luzes! E Deos satisfeito das venturas, que em torno de seu elevado throno mórão, não se dignará de olhar pelas suas creaturas, e será para elle indifferente a maneira de se conduzirem? Será sem zelo pela sua gloria, e sem providencia pelas suas obras?

Senhores, nós não existimos de nós mesmos; dependemos de Deos para entrarmos na carreira da existencia, dependemos de Deos para continuarmos a existir, e dependemos de Deos na maneira de existir ou fizica, ou moral. Ese homens tem havido tão abominaveis, e corrompidos, que têmhão alardeado desconhecer verdades de tanta monta; Portugal, onde sempre a crença de hum Deos foi pura, Portugal, que por tantos titulos se tem mostrado grande, e respeitavel entre as Nações, hoje hum novo titulo, e o maior delles, lhes appresenta quando surgindo do negro abysmo de seus males, e pela reforma de seu primeiro Pacto lançando mais solidas bases ao seu edificio politico, he dellas como sustentaculo o Art. 25 de sua nova Constituição. *A Religião*, eis o Artigo, *A Religião da Nação Portuguesa he a catholica, apostolica romana*. Ah! ainda quando nada mais o Congresso Augusto houvera feito, quando toda a Constituição da Lusa Monarquia se reduzisse unicamente a estas expressões, ella seria perfeita. Senhores, eu não sou hum entusiasta exaltado, que de homens compostos de espirito, e carne, pertenda fazer entes quasi pura-

mente espirituaes, que por mal intendida piedade aborrecção as obras de Deos, o mundo, que para elles creara, e que na mira de domarera o excesso vicioso das paixões se tornem pouco mais que maquinas ambulantes quasi sem liberdade, e sem acção, barbaros consigo, e inuteis para com os outros. Eu sou mais rozoavel; por que he mais razoavel o christianismo, que me prezo de professar. Aquelles, que dest'arte são christãos, distão muito da perfeição; e aquelles, que só nisto julgão consistir a essencia das virtudes christãs, estão longe de conhecer o espirito, e o genio do christianismo. A misantropia de alguns homens tem feito olhar o christianismo como sevéro; e a impiedade revestida de falsas apparencias de filosofia o tem pintado como anti-social, e destruidor dos principios de sociabilidade, com que o homem surge para a existencia. Mas de que differente maneira sentem os Portuguezes! Reassumem os direitos da Soberania, de que estavam esbulhados, ellegem Representantes, a quem outhorgão seus poderes, a quem commettem a redacção da grande Lei, que seja a expressão das suas vontades, e o Codigo dos seus direitos, e de seus deveres, e elles reunidos, e fieis a seus Constituintes dizem-lhes = *A Religião da Nação Portugueza he a catholica, apostolica romana.* = A crença, e a convicção interna da Nação Portugueza he, que ha hum Deos: o sentimento geral da Nação Portugueza, he que todos os homens tem deveres sagrados a cumprir para com este Deos, e para com os homens, que elle creára: o grito geral da Nação Portugueza he, que Deos só póde ser perfeitamente acatado pelo exercicio da Religião catholica apostolica romana; que só pela sua observancia nos desempenhâmos dos nossos deveres para com Deos, os doces laços estreitâmos, que a elle

nos prendem, e preenchemos os deveres sociaes, que nos incumbe cumprir.

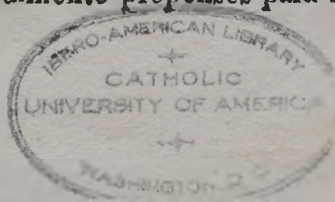
Senhores, a Constituição politica da Monarquia Portuguesa, que parece devia ser unicamente o Evangelho politico desta Nação heroica, he ainda como hum supplemento de seu Evangelho religioso. Decretar-se que a *Religião da Nação Portuguesa* he a *catholica apostolica romana*, he accender hum novo facho para illustrar a monstruosa segueira do idolatra: he levantar hum grito estrondoso para confundir a preversidade do atheo: he mostrar á impiedade filosofica, que nada podem neste abençoado terreno as miseras argucias do deismo: he construir hum baluarte inexpugnavel, contra o qual em vão disparará seus tiros a sanhuda heresia: e he finalmente abrir, e franquear aos filhos desta grande Nação o caminho para huma ventura, que nao morre. Que importava que por outras quaesquer Leis podesse Portugal fazer-se grande, e respeitavel, pôr-se não só ao nivel das grandes Nações Europeas, mas até adquirir de novo a preponderancia, que outr'ora tivera entre ellas, se por huma felicidade temporaria houvessem de soffrer seus filhos a perda de huma eterna ventura? O desejo da ventura nasce com-nosco, a natureza nos mimosêa com elle, não se estuda, não se adquire; mas estuda-se, aprende-se, e adquire-se pelo desenvolvimento das nossas faculdades, e pela experiencia o conhecimento da qual a ventura seja, que mais nos interessa conseguir. Nascemos, e nos desejos do alimento que precisamos, a natureza annuncia já os desejos da ventura, e fortificação-se pouco a pouco os nossos órgãos, e em proporção a nossa razão se esclarece, e outros alvos tem já os nossos desejos em cujo goso julgamos que a ventura móra. Progressivamente huns apoz outros novos

bens se nos deparão, novos desejos surgem, novos esforços fazemos para sermos venturosos, e a ventura sempre ant'olhando-se-nos, sempre fugindo de nós mesmo no momento em que nos parecia prende-la, nos ensina, que não he sobre a terra que ella reside; que Deos creára para si os nossos corações, e que só elle pode encher perfeitamente a vastidão immensuravel dos nossos desejos. Desça o athêo ao fundo do seu coração, escute a vóz dos seus desejos, olhe para toda a natureza, que elle considera sem Deos, seja huma vez de boa fé, e diga-nos onde encontra elle hum cumulo de bens, que nada mais lhe deixe que desejar. Descei vós todos ao fundo do coração homens perversos, que posto confesseis, que há Deos, todavia vos conduzis, como se elle não existisse, e dissei se nos vossos desvarios os vossos corações estão em perfeita paz, se elles são tranquilos sem a virtude, e se alguma cousa pode sacia-los, que não seja Deos. Este Deos descera ao coração do deista, que protesta, que Deos não se occupa em pensar d'elle? Este Deos, que se dignou descer dos Ceos, e vir habitar entre os homens, irá descer ainda ao coração do hereje obstinado, que se recusa a reconhecer, e acreditar verdades, que elle ensinára aos homens, e que odêia a verdade da Religião, que elle entre os homens estabelecera? Ah! só tu, ó Santa *Religião Catholica Apostolica Romana*, que a lusa Constituição decreta para Religião do Povo Portuguez, só tu enches tão grande, e tão interessante objecto, tu nos appresentas Deos, e o homem em seus verdadeiros pontos de vista; tu nos fazes conhecer, que hum Deos justo olha pelas acções dos homens, tu nos mostras huma Providencia vigilante prompta sempre a soccorrer-nos, tu nos ensinas qual seja o summo Bem, suprema ven-



tura, e tu nos franqueias a vareda para nos dirigirmos a ella. Portuguezes, e que maior ventura podia trazer-nos a nossa Constituição politica? Sem a crença de Deos, sem a pratica da verdadeira Religião, em que Deos se adora em espirito, e verdade, a melhor porção do homem he perdida; e que importa, que possua o homem o mundo inteiro, se elle perde a sua alma? *Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patitur.*

Eu sei, que não he nova esta crença em Portugal, eu sei que a Religião da Nação Portugueza foi sempre a *catholica apostolica romana*; que esta Nação heroica ainda não satisfeita de quebrar os profanos thuribulos, em que se queimavão aqui insenços a Baál, foi com assombro do mundo inteiro levar o nome, e a Religião de Jesus Christo aos povos que vivião nas trevas. Eu prézo muito a gloria da minha Patria, para que possa occultar verdades, que lhe fazem tanta honra, Nenhuma Nação pôde gabar-se de ter conservado tão pura a verdade da sua crença, de a ter sustentado tão firme, de a têr propagado com tanto zelo. A Nação Portugueza excede em todos estes respeito a todas as Nações do mundo. Mas ha-de por isso depremir-se o merito da Lusa Constituição, e a gloria, que aos Legisladores resulta de haverem decretado a *Religião catholica apostolica romana* para Religião da grande Nação Portugueza? He preciso não ter a mais ligeira idéia dos delirios da nossa idade: he preciso ser perfeitamente hóspede no conhecimento da marcha do espirito humano, para desconhecer a sabedoria, e o zelo, que reluzem neste Decreto. A impiedade revestida do todas as fôrmas tem procurado minar o edificio da Religião: o seu veneno disfarçado, e onvolvido em attractivas apparencias tenta, e seduz: os homens são naturalmente propensos para a novidade,



e folgão com tudo o que lisongêa as suas viciosas inclinações; e qual viria a ser a sorte da Religião em Portugal se previdentes os Legisladores não decretassem, que a Religião da Nação he a *catholica apostolica romana*? Porventura entre nós não se descobrem alguns vislumbres de symptomas do contagio anti-religioso, que tanta devastação tem feito em toda a Europa? E os Representantes da Nação desempenharião as altas funções de seu importante cargo, se não cuidassem de occorrer ao mal? Porventura não se escutão a cada passo milhares de preguiçosos, e apóstolos da tolerancia, que tentão dest' arte menoscar o respeito, que a *Religião catholica apostolica romana* merece, para tornarem facil o ingresso das differentes seitas religiosas, e acabarem assim pela destruição de todas? Mas a través do especioso véo, com que se cobrem, vós alcançaste, ó Sabios Legisladores, seus cavilosos disignios, e frustrastes as suas esperanças todas, decretando, que a *Religião da Nação Portugueza he a catholica apostolica romana*.

Ah! conheça o christianismo Portuguez com quanta honra, com quanto dignidade, e com quanta gloria seus christãos Representantes desempenharão as suas comissões! Veja a Europa, e o mundo inteiro na mais perfeita, e mais liberal de todas as Constituições existentes de que manei-  
ra huma Nação livre procura acatar aquelle Deos, de quem se reconhece creatura. Apprendão os despotas, que reunidos em criminosa alliança, que elles ousão chamar santa, intentão á sombra do Evangelho algemar os Povos, e esmagallos, como a religião do Evangelho respeitão aquelles que não recusão obedecer á Lei, e ás authoridades legitimamente constituidas, mas que somente se revoltão contra o fero despotismo, que não deve ter logar entre

homens aquem a Mai natureza fizera iguaes em direito.

E vós , ó Deos meu , dignai-vos lá do vosso throno excelso volver á terra os magestosos olhos. Senhor , e deixareis de contemplar gostoso o vosso caro Portugal zela-se aqui a vossa honra promove-se o culto do vosso nome santissimo , decreta-se a estabillidade da vossa Religião , ah ! vos não sabereis ser indifferente a este delicioso espetaculo. Senhor , e nós deixaremos de conhecer a obra da vossa mão Omnipotente , quando meditando em a nossa Constituição politica vemos , que tanto se pertende por ella dar-vos o culto , que vos he devido , e preencher para com os homens os officios , que vós mesmo nos mandaes , que lhes tributemos ?

Senhores , a nossa Constituição Politica , que parece devia ser unicamente o nosso Evangelho politico he , outra vez o digo , he ainda como bum supplemento de nosso Evangelho religioso ; vós vistes como de accordo a Religião , e a Constituição procurão unir-nos a Deos pelo desempenho de nossos deveres para com elle , e vós ides ver ainda como de mãos dadas para nossa ventura ellas intentão pelo cumprimento de nossos deveres sociaes , que fazendo-nos acceitos a Deos nos promovem tambem venturas na terra prendendo-nos em perfeita sociedade para a qual fomos todos creados.

He hum dos vergenhosos delirios da razão humana , e hum dos monstruosos paradoxos da philosophia moderna o gabado estado da natureza , ou a voluntaria supposição , de que houvesse hum tempo , em que os homens vivessem á maneira das feras errantes pelo meio dos bosques isolados perfeitamente huns dos outros , sem ligação , sem dependencia , e sem se prestarem reciprocos officios. He preciso não ter dado momento algum á contemplação do homem , desconhecer a sua sensibilidade fisica ,



não ter, eu confundir, se he possível, as idéias de prazer, e dôr, provar, que folga a carne com as dôres, que a pungem, e que foge, se horroriza, e se recusa ao aspecto, e átractivos dos prazeres, e alfim he preciso ainda demonstrar que não tem o homem huma razão capás de pezar o prazer, e a dôr, de conhecer o bem, e o mal para convencer-nos de que podessem os homens desconhecer as vantagens da sociedade, deixar de amalla, e viver nella. Senhores, não nos illudamos: todos os exforços destes miseros pensadoses se tem dirigido a desterrar a crença de que elles são creaturas de outro Ente mais pensador do que elles, e para isso vão com a maior imprudencia possível de oaradoxo em paradoxo até assignalarem ao mundo, e aos homens outra diferente, da que lhe estabelecem as venerandas Escripturas. O mundo he obra de Deos, e o homem he tambem creatura de Deos, e elle não o creou para viver só sobre a terra, porem sim para unir-se aos entes da sua especie, para viver com elles, e para mutuamente se procurrem unidos commodos da existencia. Deu-lhe sensibilidade fisica para lembror-lhes a necessidade da observancia desta lei, que lhes impunha; deu-lhes razão para conhecella, e se alguma lei houve, que elles cumprissem fieis, joi esta, que tanto se conforma com a nossa mesma natureza, e á qual nos levão, e nos condusem todas as nossas disposições. Multiplicarão-se os homens, e tornou-se indispensavel a formação das grndes sociedades. Mas unidos, em grandes corpos moraes os homens podião por ventura estar na livre fruicção de todos os direitos, com que tinhão sahido do seio da mai commum a natureza? Ah! não: Senhores, os direitos de hum erão limitados, e circunscriptos por iguaes direitos de qualquer outro dos associados; e deste choque e



encontro de iguaes, e differentes direitos nascem, e brotão os deveres, que a todos os associados incumbe cumprir. Não exceder os limites marcados aos seus direitos, he preencher os seus deveres para com todos os associados: invadir os direitos de qualquer delles he quebrar os laços da harmonia social, transtornar a ordem, e impedir o bem-estar dos associados, que se propozerão este fim util, quando se associarão, e que tem todos iguaes direitos ás vantagens, que podem provir-lhe da sociedade. Todos os Cidadãos devem prestar serviços á sociedade, e ella deve a todos os Cidadãos a vigilancia sobre a conservação de seus direitos para que não sejam deteriorados em seus interesses. Na sociedade não póde haver ordem, nem os Cidadãos podem esperar della protecção, e vigilancia sobre a conservação de seus direitos, mas será tudo desordem, e tumultuosa anarquia, se a sociedade for hum corpo acephalo, se nella não houver cessão de direitos, que se reunão, e se acumulem em hum, ou mais individuos, que sejam os Representantes da Soberania. E a sociedade não conseguirá seu fim, que he a ventura dos associados, se os Representantes da Soberania não satisfeitos dos direitos, que lhes cedêrão, quizerom dilatar mais os horisontes dos seus poderes, e se tornarem *Tyrannos* da sociedade.

Estabelecidos estes principios quem póde, Senhores, desconhecer quão longe estava de Portugal o espirito, que deve reinar em as sociedades, e quanto vai de novo chamallo ao seio da nossa Patria a nossa Constituição Politica? Poderá sustentar alguem, que procuravão todos os associados cumprir seus mutuos deveres, e que da parte da Representação da sobesania se não ministrava hum justo motivo de queixa aos Cidadãos? Senhores, não he meu

animo lançar nem ainda a mais ligeira sombra de crime sobre o Augusto Imperante da Lusa Monarquia o grande, o incomparavel Rei Constitucional o SENHOR D. JOÃO VI., de quem devem apprehender a ser Reis, todos os Reis do universo: abusarão perfidamente de seu nome respeitavel, e atrainão a bondade do seu coração todos os perversos, que nos fizerão esgotar até ás fezes o caliz das mais insofriveis amarguras. Eu não quereei espalhar carregados toques no seu quadro; mas não posso deixar de ver a similhança, que entre elles se encontra, e os potentados de Israel, de quem Deos se queixa pelo seu Profeta Ezequiel. Ai dos pastores de Israel, diz o Senhor, ai dos pastores de Israel, que se apascentavão a si mesmo, e não cuidavão do rebanho. Comieis o leite, lhes diz o Senhor, vestieis-vos da lã, mataveis para vosso sustento as rezes mais gordas; mas não procurastes as commodidades do rebanho: não fortalecestes o que estava débil, não curastes o que estava enfermo, não vos importou consolidar o que se quebrava, não vos deu cuidado a rez, que se desgarrava, nem procurastes aquella, que se perdia: porém governaveis o rebanho como despotas crueis = *Cum austeritate imperabitis eis, et cum potentia* = Dispersarão-se as ovelhas, e humas forão roubadas, outras as feras cruies as devorarão por não haver, quem as guardasse; porque os pastores só tratavão dos seus interesses, e abandonavão os do rebenho = *Pascebant pastores semetipsos, et greges meos non pascebant* = Mas o dono do rebanho não pode ver com indifferença o desleixo, e a preversidade dos pastores, trôa-lhes cheio de indignação, e esta he a sua linguagem = *Pastores audite verbum Domini* = Sou eu, que vou tomar contas aos pastores: *Ecce ego ipse super pastores* = Eu vou tirar-lhes das mãos corrompidas o

meu rebanho, e elles não o governarão mais = *Cessare faciam eos ut ultra non pascant gregem* = Porem diz o Senhor alguma cousa ainda mais expressiva: eu vou tirar o meu rebanho da boca dos pastores vorazes, para que mais se não engordem da sustancia do rebanho = *Liberabo gregem meum de ora eorum, et non erit ultra eis in escam* =

Confrontai, Senhores, este quadro lastimoso de Israel com o pungente quadro, que Portugal offerecia antes dos dias memoraveis de quem datta a época da nossa Liberdade. Podereis desconhecer ali descripta a nossa triste situação? Nem áquem, nem além dos mares, nas dispersas partes componentes do Luso Imperio, a ventura se encontrava que os homens se propoem, quando cedendo em parte direitos, que lhe dera a natureza, se reúnem em Sociedade. Mas o grito da Liberdade se levanta, clama-se de toda a parte que a Nação se reúna pelos seus Representantes em Cortes, que se refunda o primitivo Pacto, que se forme a nova Lei, que salve o Povo das tentativas do Poder, que marque ao Poder as suas attribuições, e que a todos os associados contenha nas devidas raías de seus direitos marcados pelos direitos de todos os seus concidadãos. Ah! e este desejo universal cumpre-se: esta nova lei, este novo Pacto, esta nova Constituição, esta dadiva do ceo apparece. Igual dos Portuguezes, que déveras ama a sua Patria, pode não sentir-se embriagado de prazer, e negar o rendimento das suas graças ao Suppreino Author do Universo, ao Deos de Affonso Henriques, áquelle Deos que meigo erigira Portugal, que o tem providente conservado, que o tem engradecido prodigo, e que ultimamente o salva do abismo, em que hia precipitar-se, sumir-se, e desaparecer? Quem pode ler sem transporte esta nova lei fundamental da Lusa



Monarquia? Quem pode negar a sabedoria, que em toda ella se encontra derramada; a precisão, com que os direitos, e os deveres do Cidadão estão marcados; a dignidade, com que a Soberania da Nação he tratada; a providencia, com que futuros desastres se acautellão, para que outra vez a Nação não volva aos ferros?

Portuguezes, vós tendes huma Patria; a vossa nova Constituição Politica vo-la dá. Cidadãos, vós sois os Senhores da vossa propriedade, a vossa Constituição Politica vo-la assegura. Cidadãos vós tendes o livre exercicio do pensamento, e da sua expressão, com tanto que não prejudiqueis os interesses licitos, e os direitos dos outros associados, e vós deveis este bem á vossa Constituição Politica. Cidadãos de óra á vante a lei não será a vontade de hum só, que pode ou não conhecer os verdadeiros interesses da Nação, ou não ter vontade de promove-los, vós fareis as leis, que vós mesmos haveis de cumprir, e a vossa Constituição Politica he quem vos restitue este direito precioso, de que individamente estaveis esbulhados. Cidadãos o Poder he vosso, porque he vossa a Soberania, e se vós o depositaes nas mãos do Imperante, a vossa Constituição Politica vos affiança, que o exercicio do Poder será sempre em utilidade geral da Sociedade. Cidadãos, os vossos direitos, os vossos interesses, e as vossas vidas, que até agora não se podião dizer seguros ao abrigo da lei, mas era tudo a bel-prazer da classe judiciaria, de hoje á vante, graças á vossa Constituição Politica, deixarão de ser o jogo da chicana do arbitrio, e da venalidade. Cidadãos finalmente de quantas medidas podem lançar mão os homens unidos em Sociedade, para promoverem a sua prosperidade na terra, ainda não forão com tanta sabedoria tomadas por alguma ou-



tra das Nações, e em parte nenhuma reluzem tanto, como em a nossa Constituição Política. Mas todas estas medidas seriam ineficazes, e esta Constituição seria manca, seria desfeituosa, se eu nella não encontrasse no artigo dezanove, como primeiro dever do Cidadão = *Venerar a Religião* = E no artigo vinte e cinco decretado, que esta *Religião he a Catholica Apostolica Romana*.

Portuguezes, se o Senhor, dizia outr'ora hum Rei talhado segundo o coração de Deos, se o Senhor não olha pela conservação da Cidade, são baldados os trabalhos de todos os outros, que intentão guarda-la = *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat, qui custodit eam* = Não he Senhores das intenções do Profeta inculcar-nos, que nada valem as diligencias dos homens nas cousas, que são da sua competencia; porém quer ensinar-nos, que nós devemos implorar submissos o Supremo Author das cousas todas, e que se elle se não dobra aos nossos rogos, e se não digna de ajudar-nos debalde trabalharemos pela ventura. He isto o que a Religião nos ensina, aquella Religião, que para sermos verdadeiros Constitucionaes devemos venerar submissos: aquella *Religião Catholica Apostolica Romana*, que tem sido, he, e será a Religião da Nação Portugueza, Religião, que procurando unir-nos com Deos, une tambem, e estreita os nossos laços sociaes. Outra vez, Senhores, repito, que ainda quando os Illustres Representantes da Nação não tivessem feito mais do que decretar, que a *Religião da Nação Portuguesa he a Catholica Apostolica Romana*, elles terião dado á Nação huma grande, e perfeita Constituição Política. Esta Religião tão devina em a sua origem, tão Santa na sua moral, em nada se oppoem ás instituições Sociaes; mas antes he dellas o complemento,

e a perfeição. Seu Devino Author, que os homens creara para a Sociedade, não poderia sem ser inconsequente, dar aos homens huma Lei, que pugnassem com os fins para que os tinha criado. Faça-se a analyse de todas as leis proprias para promover o bem-estar dos homens, e será bem facil a sua reducção aos principios da moral Christãa: eu emprehenderia agora mesmo algumas, se não temera abusar das vossas attensões, e derramaria pezada confusão sobre esses espiritos vertiginosos, que inimigos declarados de toda a Religião tem ousado taxar de insocial a *Religião Catholica Apostolica Romana*. Cidadãos, não ha Sociedade sem Religião: ella não he maquina politica, posta nas mãos dos Legisladores, e imperantes: huma republica de atheos he hum ente perfeitamente imaginario: Não ha ventura sem virtude; e as virtudes ainda mesmo sociacs serão de huma duração efemera, e talvez mesmo não apparecêrão, se as quizerem conseguir unicamente pelas leis humanas. Demos que meditem, e promulguem os homens as melhores leis; será por ventura feliz o povo a quem fôrem dadas, de que servem as leis se ellas se não cumprem? E não sabe conhecer o coração, não tem noticia da historia do homem aquelle, que se persuadir, que os homens só pelo amor da ordem, e da virtude hão de observar as leis, quando para seus interesses poderem quebranta-las impunemente. O homem he tudo para si no universo; as suas virtudes são pela maior parte filhas da necessidade, e motivadas pelo interesse; e se elle não tem huma Religião, que lhe mostre hum Deos supremo, e inexoravel Julgador, as leis serão pequenas barreiras para contê-lo. He precisa huma Religião aos homens: e qual deve ser ella? O espirito, e expressões cavilosas de tantos pensadores modernos

não poderão seduzir a sabedoria dos nossos Legislaões, nem corromper os seus rectos corações, e a Religião que elles decretão para os Portuguezes, he a que elles mesmos receberão de seus Pais, e que se tem radicado em seus corações menos por habito, do que por convicção, a *Catholica Apostolica Romana*.

Há crimes, eu não o nego, ha crimes, e crimes horrorosos entre os seguidores desta Religião, mas será por ventura por vicio intrinseco da Religião, e da sua moral? Ah! não, Senhores; dizer-se hum homem Christão, he dizer-se hum homem sem crime = *Christianus nullius criminis nomen est* = dizia outr'ora Tertuliano aos persiguidores do Christianismo. O verdadeiro Christão he aquelle, que imita a Jesus Christo seu Mestre; e quem pôde argui-lo de peccado? Consequentemente os crimes, que se incontrão entre os Christãos não são filhos da moral da sua crença; porém são, eu o digo com dor, são o resultado necessario da corrupçã do coração, e da quasi geral desmoralzição dos homens. Meus Concidadãos, o Ministro do Evangelho não deve illudir-vos, nem lisongear-vos: nós não precisaríamos huma nova Constituição, se a Santa Religião de Jesus Christo fosse mais zelosamente guardada; e de balde os nossos Legisladores se cançãrão, se não cuidarmos de ser mais religiosos. Murchou-se, e seccou o mimoso arbusto da liberdade, que os Portuguezes primeiros plantarão; porque deixarão de ministrar-lhe a rega das heroicas virtudes Christãs. E hoje, que de novo cuidamos de plantala, ah? quanto temo, que entre nós se verifique a sentença de hum filosofo celebre, que diz que pode ser livre a Nação, que se forma de novo; porém, que apesar de todos os esforços já-mais será livre aquella, que huma vez perdeu a li-

berdade. Ah! façamos hum exforço, e nós conservaremos a nossa liberdade; façamos exforço por sermos verdadeiros Christãos, e nós veremos pela prosperidade do systema Constitucional cada vez mais firme a nossa liberdade. Não haverá nos Poderes ambição de mais poder, e contidos nos seus limites não usurparão as attribuições alheias, e a ordem se conservará. Cada hum dos Cidadãos reipeitará os direitos do seu Concidadão, e dest'arte estreitados os laços sociaes a ventura virá residir no meio de nós; mas sem virtudes, que são a Religião em exercicio, crede-me, que a nossa liberdade será precaria. Eu quero costumes, e não palavras, dizia Santo Agostinho, = *Mores volo, et non voces* = similhantemente, portuguezes, eu quero costumes, e não palavras. Somos Christãos, e somos Constitucionaes; mas eu direi, que nem huma, nem outra cousa somos, em quanto sómente o formos de palavras. Mostrem as nossas obras, que dentro em nossos corações morão o Evangelho, e a Constituição, e então eu vos affianço prosperidades na terra, e ventura na eternidade.



F I M.